

PANDEMIAS AO LONGO DA HISTÓRIA – CONSPIRAÇÕES HUMANAS OU CONSPIRAÇÕES DIVINAS?

Edgard Leite (Director do Instituto Realitas) num texto recente refere que «William Hardy McNeill (1917-2016), foi um historiador norte-americano. Na sua vasta obra existe um livro muito conhecido, de grande profundidade: *Plagues and Peoples (Pestes e Povos)* (1976). Nesse livro, McNeill discutiu o papel histórico das pandemias e das doenças contagiosas. Sugeriu a tese de que essas criaturas, microorganismos, bactérias, vírus, atuam como agentes históricos». Hardy diz que é necessária “uma completa compreensão, no entendimento da história». Edgard Leite escreve também o seguinte: «a tese holística de McNeill, portanto, introduziu o tema da difícil ponderação de elementos não humanos no curso dos acontecimentos históricos. Assunto difícil hoje, numa historiografia tomada pelo antropocentrismo iluminista».

Logo aqui, Edgard Leite parece apontar uma limitação da historiografia (materialista) e por arrasto da própria ciência no que respeita às causas do aparecimento destes e de outros fenómenos, embora o papel da ciência seja útil e necessário como procura de soluções para, neste caso, as epidemias. Ao falar de «antropocentrismo iluminista» vemos que o velho Iluminismo europeu que, no seu tempo, muito contribuiu para o avanço da razão e da ciência, muito contribuiu também para o que hoje se apresenta como racionalismo, cientificismo e materialismo. Há contudo outras visões da História, como por exemplo, a do pensador português António Quadros (1923-1993) que na sua obra «Introdução à Filosofia da História» aborda o chamado «providencialismo histórico», ou seja, em momentos difíceis dos povos e da humanidade no seu todo, há uma intervenção de seres mais avançados na evolução que actuam (daí a divina Providência, como diz o povo) para evitar males irremediáveis que possam comprometer seriamente a Grande Obra. Ora, isto está de acordo com o que diz Max Heindel sobre o trabalho das Hierarquias Superiores e outros seres evoluídos actuando em períodos críticos, tal é o caso dos Arcanjos que regem as nações. Refere ainda que os Irmãos Maiores tiveram que intervir nos destinos do mundo, mais ou menos na época da Revolução Francesa, e que esta teria sido como uma brincadeira de crianças se não houvesse essa intervenção.

E. Leite refere todavia uma outra visão do assunto: «toda a tradição historiográfica de origem bíblica, ao contrário, sempre entendeu, facilmente, a articulação entre os diversos elementos que constituem a realidade do mundo. As epidemias, os terremotos, os meteoros, os cometas, as estrelas e planetas, sempre foram entendidos como co-participantes do drama da história. Movidos usualmente por forças e processos não totalmente conhecidos para os humanos».

Max Heindel escreveu em vários textos (leia-se por exemplo, a Carta aos Estudantes nº 60) que a I Guerra Mundial (1914-18) foi algo que tinha que se dar, para retirar a “catarata espiritual”, permitindo ao ser humano maior percepção dos valores espirituais. Infelizmente, parece não ter bastado, porque 21 anos depois logo surgiu a II Grande Guerra (1939-44), sendo que nas últimas décadas outras tragédias têm acontecido. A tese materialista no sentido da cobiça político-económica parece ser

insuficiente para explicar as guerras e outros males, já que na Idade Média, numa época mística de menos materialismo do que a presente, também aconteceram epidemias.

Podemos especular sobre causas ocultas que só o futuro mais ou menos longínquo poderá confirmar. Podemos perguntar se este coronavírus (mais agressivo e universal do que os anteriores) é ou não o resultado de um período – mesmo que não se saiba quando começou – de cristalização das nossas vivências, criando poluição quer a nível físico, quer emocional e mental. Para já verifica-se que a Natureza (física) respirou de alívio!

Considerando que o vírus se espalhou por todos os cantos do planeta, também apetece interrogarmo-nos sobre a hipótese da necessidade do seu aparecimento, não tanto para diminuir a população (o que, à primeira vista, parece cruel), mas por um enigma desconhecido, preparando os corpos do ser humano para vibrações mais de acordo com a tónica de Aquário, a Era que se aproxima.

Agora que tanto se fala nas “teorias da conspiração”, e seja qual for a ideia que cada um possa ter, seja pelo artigo que referi, seja pela filosofia rosacruz, seja ainda pelas ideias sobre o vírus não convergentes na classe científica e médica, tudo parece apontar para uma conspiração divina, que se torna necessária de tempos a tempos. E sendo divina, na verdade é pouco compreensível aos mortais, sendo que, por experiências passadas, provoca no mínimo grandes reacções na humanidade mais ou menos duradouras.

Eduardo Aroso
Abril 2020